



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

IDENTIDADE, SABER POPULAR E RISCOS AMBIENTAIS - CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS APA'S DO SISTEMA CANTAREIRA (SP) E FERNÃO DIAS (MG)

João Luiz de Moraes Hoeffel¹
Nayra de Moraes Gonçalves²
Almerinda A. B. Fadini²
Sônia Regina da Cal Seixas³

¹Centro de Estudos Ambientais/Universidade São Francisco
Bragança Paulista/São Paulo
Núcleo de Estudos em Sustentabilidade/Faculdades Atibaia/FAAT
Atibaia/São Paulo
jlhoeffel@gmail.com.br

²Centro de Estudos Ambientais/Universidade São Francisco
Bragança Paulista/São Paulo
nayragoncalves@gmail.com.br
almerindafadini@hotmail.com

³Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais – NEPAM/UNICAMP,
Campinas/São Paulo
srcal@unicamp.br

1. IDENTIDADE E RISCOS:

O processo de industrialização e a globalização cultural e econômica possibilitam o incremento de empregos e o acesso aos meios de informação, de transporte e educacional, mas ocasionam também riscos relacionados à questão ambiental, à desigualdade social e à descaracterização da identidade local.

Na visão de Giddens (2002, p. 22), esta é uma característica do mundo moderno, “onde não somente o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior, como também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores”.

Esta situação amplia a idéia de sociedade de risco, já que o indivíduo se vê na obrigação de adaptar-se às transformações globais que afetam diretamente o espaço-lugar; ao tempo que se universalizou com o tempo do cotidiano e aos relacionamentos em redes com as mais básicas relações sociais.

O conceito de sociedade de risco foi inicialmente abordado por Beck (1995) e dá início a um debate social acerca das implicações do impacto dos riscos ocasionados pela industrialização aos seres humanos e à natureza. Para o referido autor, este conceito



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

designa uma fase da sociedade moderna, em que os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais tendem a escapar das instituições para o controle e a proteção da sociedade industrial (BECK, 1997).

Os riscos podem relacionar-se a mudanças climáticas, intervenções do ser humano no ambiente e à conseqüente degradação ambiental global, bem como com situações envolvendo relações pessoais, familiares e sexualidade, temas tão complexos e importantes quanto os relacionados às questões econômicas e ambientais (GIDDENS, 2000). Esta situação contribui para provocar o estresse e as tensões da população, além de afetar o modo de vida e as culturas tradicionais.

Quanto mais a tradição perde seu domínio, mais os indivíduos são forçados a realizar escolhas a partir de uma diversidade de opções que podem estar relacionadas a aspectos culturais próprios ou ao consumo e às decisões do cotidiano que extrapolam a tradição, a religiosidade e a cultura familiar original (GIDDENS, 2002).

As transformações socioambientais exercem uma pressão para a ruptura do que é considerado antigo ou do passado, e/ou exigem uma nova forma de convívio com o novo e o diferente, exercendo, deste modo, uma influência sobre nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2000a).

Utiliza-se assim a concepção de identidade como a representação consciente do “eu”, constituindo-se nas relações de identificação e de contrastes com os “outros”. Na análise de Lago (1996), a identidade não é algo posto e acabado, mas algo “constantemente recomposto, investido de novos significados” e de novas identificações.

Para a autora, esta abordagem da realidade social torna mais explícita a dificuldade para analisar uma sociedade complexa em processo rápido e intenso de transformação, causada não por mudanças gradativas, inerentes à dinâmica do processo social, em que novas práticas e valores vão sendo introduzidos ou se desenvolvendo lentamente, provocando adaptações graduais e não traumáticas, mas por transformações determinadas por contato brusco, intenso, provocando choques culturais e a desestruturação das vidas material e social.

A identidade deve ser entendida de forma dialética, e esta relação entre “eu e outro” é central no processo de construção da identidade. Para Bagnoli (2009) o Eu e o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Outro são concebidos como dois pólos em diálogo contínuo e através do qual diferentes auto-representações e discursos contribuem para dar forma a identidades sempre em transformação. Para a autora, “identidades emergem assim como um produto de uma multiplicidade de vozes, surgindo de dentro e de fora do sujeito” (BAGNOLI, 2009, p. 326).

Associando identificação e identidade, pode-se dizer que identificar significa reconhecer uma marca que lembra determinada identidade (HALL, 2000b). Já identificar-se significa reconhecer no outro uma marca que o indivíduo julga também possuir – e que o torna semelhante e pertencente a um mesmo grupo. Essas marcas podem ser estigmas ou emblemas, que levam uma identidade social a ser exaltada ou escondida.

Sob um enfoque relacional e situacional, existe uma identidade que é construída e reconstruída constantemente no interior das trocas sociais e que pode, sob certas circunstâncias, ser manejada, estratégica ou inconscientemente, para buscar reconhecimento e fugir de uma situação de preconceito. Isso pode levar não apenas a estratégias individuais de utilização de “marcas positivas”, mas também a ações coletivas (LAGO, 1996).

Adotando tais premissas, pode-se interpretar, inicialmente, o uso de plantas medicinais como uma “identidade de resistência” (CASTELLS, 1999). Essa identificação levaria os moradores rurais a manterem determinadas práticas tradicionais, mesmo que de uma forma superficial, uma vez que esta traz uma conotação positiva e possibilita uma identidade compartilhada, engajando-os em atividades coletivas.

Observa-se assim que o conhecimento local sobre recursos naturais, incluindo as plantas medicinais, é um recurso cultural importante que orienta e sustenta a manutenção e continuidade de diversos sistemas de manejo (DIEGUES; ARRUDA, 2001; BEGOSSI; HANAZAKI; TAMASHIRO, 2002). É através da transmissão desse conhecimento e de sua socialização, que visões de mundo e identidades culturais são construídas, as instituições sociais perpetuadas, costumes são estabelecidos e regras são definidas.

A Educação Ambiental pode representar um instrumento importante para difundir o conhecimento e as práticas culturais e para estimular as comunidades para desenvolver e envolver-se em programas de uso sustentável dos recursos naturais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Contudo, envolver as comunidades nas decisões, nas responsabilidades e na autonomia é uma tarefa que exige tempo, uma vez que muitas vezes a população local não tem conhecimento sobre o seu papel na conservação ambiental e melhoria da qualidade de vida. Neste processo, é importante conhecer o modo de vida local, especialmente a estrutura social, considerando a história, a cultura e a percepção dos moradores sobre o meio em que vivem.

Deve-se respeitar as experiências e vivências que as pessoas possuem com os lugares em que constroem continuamente seu cotidiano, afinidades, memórias, amizades e identidades. Para Delgado (2006, p. 47), “identidades referem-se a atributos culturais, simbologias, experiências, hábitos, crenças, valores.” São estes atributos que em conjunto conferem condições e direitos para estes cidadãos opinarem e decidirem sobre os rumos de determinada localidade (CLAYTON; OPOTOW, 2003; SKAKOON, 2008).

Uma das formas de tentar reduzir a influência das transformações nos modos de vida da população é através da ação dos sujeitos sociais, que ao incorporarem as diversas dimensões do risco moderno, provenientes dos avanços científico-tecnológicos desenfreados, ou da degradação ambiental planetária (BRÜSEKE, 1997; GUIMARÃES, 1998), ultrapassam as dimensões conflituosas do indivíduo alienado, que abdica de um lugar e de um projeto (BARBOSA; HOEFFEL, 2008), buscando avaliar os riscos que as transformações socioambientais podem representar.

2. IDENTIDADE E USO DE PLANTAS MEDICINAIS

A deterioração dos ecossistemas, a heterogeneidade dos problemas de saúde, o crescimento desordenado das cidades, as mudanças dos sistemas produtivos, são exemplos de situações onde a crescente complexidade social demanda novas formas de enfrentamento científico e tecnológico, em que pese propiciar-nos uma melhora na qualidade de vida (BUTTEL, 2000).

Desmatamentos florestais, contaminação de leitos de rios e deposição de resíduos urbanos nos solos, contaminação de trabalhadores e consumidores, além das doenças ocupacionais e mortalidade – frequentemente invisíveis no conjunto das estatísticas de saúde - acabam sendo coletivamente absorvidas pela sociedade e pelos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sistemas públicos previdenciários e de saúde e muitas vezes exigem que as pessoas recorram a soluções e práticas tradicionais (BARBOSA; HOEFFEL, 2008).

O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos. Entretanto, o crescente uso de plantas medicinais tem, segundo diversos autores (CUNHA, 2003; AZEVEDO; SILVA, 2006), aumentado a pressão ecológica exercida sobre esses recursos naturais. Assim, tanto o valor econômico, o extrativismo predatório, quanto o comércio local, além da degradação ambiental dos ambientes naturais, colocam em risco a sobrevivência de muitas espécies medicinais nativas (REIS; MARIOT; DI STASI, 2000).

A desagregação dos sistemas de vida tradicionais que acompanha a degradação ambiental e a inserção de novos elementos culturais ameaçam muito de perto um acervo de conhecimentos empíricos e um patrimônio genético de valor inestimável para as gerações futuras (RODRIGUES & GUEDES, 2006).

As culturas tradicionais elaboraram idéias sofisticadas de saúde e bem-estar e para muitas culturas saúde não é a mera ausência de doença. Saúde é um estado de equilíbrio espiritual, de convivência comunitária e ecológica, o que explica provavelmente a inclusão em sistemas de cura tanto de remédios para cura física, quanto para a melhoria e fortalecimento do bem-estar. Além disto, em algumas culturas a escolha por um tratamento é frequentemente explicada por esta complexa compreensão de saúde e das prováveis causas da doença. Plantas e medicamentos podem, desta forma, ser efetivas não apenas em função de sua ação farmacológica, mas em função do significado cultural que lhes é atribuído.

Estudos sobre a compreensão de sistemas de saúde em comunidades tradicionais, segundo Reys-Garcia (2010), sugerem que o uso de plantas medicinais, animais, fungos e minerais são mais adequadamente compreendidos se estudados e analisados como um conhecimento incorporado em um amplo corpo de crenças, conhecimento e práticas culturais.

Verifica-se, portanto, que as práticas relacionadas ao uso popular de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde. Porém, sua continuidade pode ser ameaçada pela interferência de fatores externos à dinâmica social do grupo como, por exemplo: a)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

maior exposição das comunidades às pressões econômicas e culturais externas; b) maior facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna; c) deslocamento das pessoas de seus ambientes naturais para regiões urbanas, o que leva à perda do conhecimento popular acumulado há várias gerações e, conseqüentemente, ao seu desaparecimento (PINTO, AMOROSO & FURLAN, 2006).

Neste contexto, insere-se a área de estudo do presente trabalho, as Áreas de Proteção Ambiental do Sistema Cantareira/SP e Fernão Dias/MG, que ainda apresentam uma expressiva população rural e significativos remanescentes de Mata Atlântica que são utilizados como fontes de plantas para uso medicinal, mas que nas últimas décadas passam por um intenso processo de alterações socioambientais, devido, entre outros fatores, à proximidade com a Região Metropolitana de São Paulo. Este trabalho, que integra o Projeto de Pesquisa FAPESP 2008/10631-0 - *Pharmácia do Mato - Transformações Socioambientais e Uso de Plantas Medicinais*, tem como objetivo analisar os riscos e conseqüências das mudanças na identidade da população e nos aspectos socioambientais regionais.

3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A *área geral de estudo* deste trabalho constitui-se pelas Áreas de Proteção Ambiental do Sistema Cantareira (APA Cantareira), localizada no Estado de São Paulo, e Fernão Dias (APA Fernão Dias), localizada no Estado de Minas Gerais.

De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC a Área de Proteção Ambiental corresponde a uma Unidade de Conservação pertencente à categoria de Uso Sustentável e possui as seguintes características:

(...) uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas e tem como objetivo básico proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (BRASIL, 2000: 17).

Desta forma, em uma Área de Proteção Ambiental a legislação impõe um maior controle e restrições no que se refere ao desenvolvimento de atividades econômicas, consideradas potencialmente degradantes. No entanto, o fato de serem mantidas as atividades produtivas pode levar a conflitos de uso se não houver uma participação dos



diferentes atores sociais envolvidos, na busca por novas práticas econômicas adequadas a esta realidade (HOEFFEL et al, 2008; HOEFFEL; FADINI; SEIXAS, 2010).

Instituída pela Lei Estadual nº 10.111 de Dezembro de 1998, abrangendo os municípios de Mairiporã, Atibaia, Nazaré Paulista, Piracaia, Joanópolis, Vargem e Bragança Paulista, a criação da APA Cantareira (Figura 1) teve como objetivo a manutenção e melhoria da qualidade dos recursos hídricos da região, particularmente das bacias de drenagem que formam o Sistema Cantareira, principal produtor de água para abastecimento da Região Metropolitana de São Paulo (SÃO PAULO, 1998; WHATELY; CUNHA, 2007). Sob esta questão cabe ressaltar que a construção deste Sistema ocorreu durante o período de governo militar brasileiro, não havendo envolvimento e participação social, o que resultou em conflitos de usos que se mantêm até os dias atuais (HOEFFEL & VIANA, 1996).



Figura 1 – Mapa de localização da APA do Sistema Cantareira
Fonte: www.ambiente.sp.gov.br, 2009.

A APA Fernão Dias (Figura 2), criada pelo Decreto Estadual nº 38.925 de Julho de 1997 com o objetivo de proteger os remanescentes florestais e fauna silvestre existentes na região, abrange os municípios de Camanducaia, Extrema, Gonçalves, Itapeva, Sapucaí-Mirim e Toledo, e parte dos municípios de Brazópolis e Paraisópolis (MINAS GERAIS, 1997).

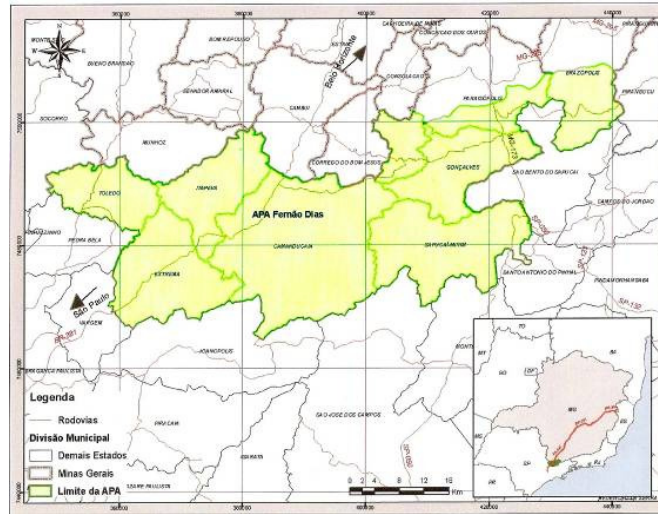


Figura 2: Mapa de localização da APA Fernão Dias
Fonte: Plano de Gestão da Área de Proteção Ambiental Fernão Dias, 2007.

Verifica-se que esta região apresenta uma problemática ambiental singular, centrada na conservação de recursos hídricos, possui áreas de nascentes e pontos de captação de importância regional e, apesar de sua proximidade com a Região Metropolitana de São Paulo, ainda encontram-se remanescentes significativos de Mata Atlântica. Esta situação, associada à sua beleza natural, faz com que ela se torne alvo de empreendimentos imobiliários os mais diversos, consolidando um processo crescente de ocupação do solo e uso turístico desordenado (HOEFFEL et al, 2004; 2005).

A duplicação das Rodovias D. Pedro I e Fernão Dias facilitou expressivamente o acesso a esta região, determinando um processo de expansão industrial e urbana, além de um incremento turístico, fatores que têm colaborado para o aumento dos impactos socioambientais e culturais regionais (FADINI, 2005).

É relevante salientar que as principais alterações ocorridas na área de estudo – a construção das Rodovias Fernão Dias e D. Pedro I e do Sistema Cantareira - não consideraram as características sócio-econômicas deste espaço, que até a década de 1960 era essencialmente rural, mas consideraram apenas as necessidades e planos de áreas vizinhas – as Regiões Metropolitanas de São Paulo e Campinas. Estas metrópoles passam a direcionar novos usos, além de determinarem rupturas em uma identidade rural anteriormente constituída, criando uma identidade outorgada que estimula tanto sua conservação quanto sua urbanização, mas que não é assimilada efetivamente pela população regional.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

4. CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS – RESULTADOS PRELIMINARES

Os atores pesquisados neste trabalho vivem situações de mudanças sociais rápidas e violentas, de choques culturais entre modos de vida tradicionais e novos modos de viver, em sociedades urbanizadas. Como as relações com o espaço e seu conhecimento são fatores de suma importância na estruturação de modos de vida característicos e estas formas estão mudando rapidamente nos grupos sociais e nas áreas estudadas, optou-se por analisar o conhecimento sobre plantas medicinais e identidade nesta pesquisa.

Segundo Reyes-Garcia (2010), pesquisas sobre os sistemas tradicionais de conhecimento podem estimular estudos sobre relações sociais que possibilitem a geração, manutenção, difusão e resgate de traços culturais e inovações, incluindo os conhecimentos etnofarmacológicos.

O levantamento das plantas utilizadas como medicinais nas APA'S Cantareira e Fernão Dias está sendo realizado através de trabalhos de campo e coleta de dados obtidos através de um roteiro de entrevistas semi-estruturado (RICHARDSON, 1999). Um município integrante de cada APA foi escolhido como área núcleo de estudo para a realização desta pesquisa: o município de Nazaré Paulista, integrante da APA Cantareira e o município de Camanducaia, integrante da APA Fernão Dias, que ainda apresentam áreas com cobertura vegetal nativa e população rural que mantém traços de sua cultura tradicional.

Através destas entrevistas foi possível identificar que as pessoas mais velhas, em sua maioria acima de 55 anos de idade, que vivem ou viviam na área rural, são as que detêm o conhecimento acerca do uso de plantas medicinais. Cabe destacar que há certa dificuldade para o levantamento deste uso, visto que muitas pessoas consideradas as grandes conhecedoras do mesmo migraram da área rural para a urbana, perdendo o contato com esta prática, e algumas outras já faleceram. Além disso, segundo relatos dos entrevistados, os jovens não possuem interesse em aprender as práticas medicinais, pois possuem acesso facilitado a hospitais e medicamentos industrializados, além de maior praticidade oferecida pelos *remédios de farmácia*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em Camanducaia grande parte das plantas utilizadas encontra-se dispersa no mato em áreas florestadas, enquanto que em Nazaré Paulista as mesmas são cultivadas em jardins, na maior parte das vezes por mulheres. Identificou-se até o momento o uso de 164 plantas medicinais, sendo que destas 80 são nativas, 78 exóticas e 06 espécies ainda não foram identificadas. Ressalta-se que algumas espécies foram mencionadas em ambos os municípios, assim, das 75 espécies listadas para Nazaré Paulista, 35 são nativas, 34 são exóticas e 06 não puderam ser identificadas até o momento, enquanto que em Camanducaia, das 117 espécies catalogadas, 60 são nativas e 57 são exóticas.

Os entrevistados declararam gostar do local em que vivem, principalmente devido ao clima e à tranquilidade. Entre as mudanças mais significativas percebidas por eles ao longo dos anos nas localidades onde vivem estão o aumento populacional, a urbanização (com diversas melhorias na infraestrutura local), além de alterações ambientais, como redução na fertilidade do solo e na quantidade de água disponível e o aumento da temperatura. Quando questionados se a região é ambientalmente conservada, a opinião dos mesmos divergiu: enquanto uma parte acredita que sim, por haver áreas de remanescentes florestais, o mesmo número de entrevistados acredita que a conservação ocorre em partes, pois há poluição dos recursos hídricos e desmatamento.

Observou-se que a utilização de plantas medicinais está intimamente relacionada a uma época em que os entrevistados possuíam outras condições e modos de vida. A crescente urbanização pela qual esta região vem passando determinou profundas transformações socioambientais, que resultaram na alteração do modo de vida desta população (HOEFFEL et al, 2008). A facilidade de acesso a tratamentos médicos e o deslocamento cada vez maior das pessoas para as regiões urbanas são as principais causas da significativa redução do uso de plantas medicinais e a consequente desvalorização deste conhecimento tradicional.

Considera-se necessária a elaboração de estratégias para o desenvolvimento local sustentável que auxiliem na conservação dos recursos naturais, no fortalecimento da identidade e na valorização cultural. Ao mesmo tempo, torna-se extremamente relevante a sensibilização da população local, sobretudo dos jovens, acerca da importância e manutenção deste conhecimento.

Para tanto se propõe, entre outras ações, o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental centradas na realização de caminhadas interpretativas que tenham



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

como foco o conhecimento e uso de plantas medicinais regionais, já que esta atividade como instrumento pedagógico pode possibilitar ao indivíduo relacionar-se com o meio e ser realizada em um momento de lazer.

Assim, estas caminhadas propostas para os dois municípios núcleo – Camanducaia/MG e Nazaré Paulista/SP, que ainda apresentam remanescentes vegetais da Mata Atlântica e uma população com traços de uma identidade rural conservada - terão por objetivo demonstrar a utilidade das plantas na medicina popular, porém também permitem sensibilizar os participantes quanto à importância da conservação ambiental e dos recursos naturais. As mesmas se desenvolverão de forma guiada, ou seja, com a presença de um intérprete que acompanha, conduz e direciona os visitantes de acordo com os objetivos propostos na caminhada. Lima et. al. (2003) destacam que a caminhada guiada proporciona a interação entre público e intérprete, além de haver a possibilidade de incorporar como guias os membros da comunidade local, representando assim uma nova forma de atividade econômica associada à sustentabilidade socioambiental.

A implantação destas caminhadas interpretativas reflete a forma como as pessoas conhecem e se relacionam com as plantas medicinais regionais e mostra-se interessante, pois além de ser incomum, pode possibilitar a manutenção dos recursos naturais através de uma atividade que promoverá a valorização de um conhecimento difundido nas comunidades rurais, mas que, devido às transformações socioambientais, está se perdendo.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A questão das plantas medicinais apresentada neste trabalho demonstra uma relação direta com os riscos das transformações socioambientais e com a possibilidade do desaparecimento ou empobrecimento de culturas e saberes tradicionais.

Observou-se que a utilização de plantas medicinais está intimamente relacionada à identidade cultural desta população e que a facilidade de acesso a procedimentos médicos e o deslocamento cada vez maior das pessoas para as regiões urbanas são as principais causas para a significativa redução do uso de plantas medicinais e a consequente perda deste conhecimento tradicional nas localidades estudadas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Constatou-se ainda a influência de reflexos da modernidade, à medida em que o ritmo, a amplitude e a profundidade das mudanças afetam diretamente as culturas locais (GIDDENS, 2002), já que nas APAs do Sistema Cantareira e Fernão Dias, está ocorrendo um processo intenso de industrialização, turismo e urbanização que se refletem no modo de vida e na territorialidade existente.

A partir do conceito de “identidade de resistência” (CASTELLS, 1999), pode-se interpretar os atores da área de estudo, que mesmo se encontrando em situações de mudanças culturais determinadas pela lógica da dominação, continuam com determinadas práticas consideradas ultrapassadas ou sem reconhecimento pela sociedade moderna. Esta situação os leva a construir estratégias de resistência, a manterem determinadas práticas tradicionais, entre elas o uso de plantas medicinais, mesmo que de uma forma superficial, uma vez que esta possibilita a continuidade de uma identidade compartilhada, que permite que os atores se reconheçam como membros de um mesmo grupo social.

Através dos contatos diretos com alguns membros de comunidades rurais, pode-se perceber que estes ainda preservam a prática do cultivo, da observação, do uso e dos estudos das plantas medicinais, mesmo com todas as transformações em seus lugares de vivência. Verificou-se ainda uma correlação intrínseca entre a manutenção desta prática com a proteção da biodiversidade, já que várias espécies desenvolvem-se no interior de áreas florestadas ainda existentes na região de estudo, algumas podendo inclusive ser identificadas como indicadores ambientais.

Outra observação é a forma como os diferentes atores lidam com esta tradição, e pode-se identificar que no município de Nazaré Paulista/SP, a prática das ervas medicinais está mais relacionada ao cultivo em hortas no interior das propriedades e por mulheres e no município de Camanducaia/MG está mais associada a coleta diretamente no meio natural e por homens.

Observa-se deste modo que a manutenção socioambiental das Áreas de Proteção Ambiental analisadas – APA Cantareira e APA Fernão Dias, constitui-se em um fator imprescindível para a conservação das características culturais e da biodiversidade regionais. O aprofundamento de estudos relacionados às identidades territoriais que demonstrem os modos de vida e aspectos das culturas tradicionais ainda existentes é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

primordial, entre outros fatores, para ações e propostas de manejo sustentável para as áreas de estudo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, S. K. S.; SILVA, I. M. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro. **Acta bot. bras.** v.20, n.1, p.185-194, 2006.

BAGNOLI, A. On 'an introspective journey'. Identities and travel in young peoples lives. **European Societies** v. 11, n.3, p. 325-345, 2009.

BARBOSA, S. R. C. S. & HOEFFEL, J L de M. Qualidade de vida e complexidade social na APA Cantareira, SP: um estudo sobre degradação socioambiental e subjetividade. **Relatório Parcial de Projeto de Pesquisa** (FAPESP processo n. 06/60366-5), 2008.

BECK, U. **Ecological Enlightenment**. Essays on the politics of the risk society. New York: Humanities Press International, 1995.

_____. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, U; GIDDENS, A & LASH, S. (orgs). **Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 1997, p. 11 – 72.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N. & TAMASHIRO, J. Y. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil). **Human Ecology**, 30 (3), p. 281-299, 2002.

BRASIL. **Lei n.º 9.985/2000 de 18 de julho de 2000 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. Brasília: Imprensa Oficial, 2000.

BRÜSEKE, F. J. Risco social, risco ambiental, risco individual. **Ambiente & Sociedade**, ano I, nº 1, 2º semestre de 1997.

BUTTEL, F. F. Sociologia ambiental, qualidade ambiental e qualidade de vida: algumas observações teóricas. In: HERCULANO, S. & PORTO, M. F. DE S. (Org.) **Qualidade de vida & riscos ambientais**. Niterói: EDUFF, p. 29-48, 2000.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAYTON, S. & OPOTOW, S. **Identity and the natural environment**. Cambridge: MIT Press, 2003.

CUNHA, L. H. O. Saberes tradicionais pesqueiros. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n.7 (jan/jun), p.71-79, 2003.

DELGADO, L. de A. N. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.

FADINI, A. A. B. **Sustentabilidade e Identidade Local: Pauta para um Planejamento Ambiental Participativo em Sub-bacias Hidrográficas da Região Bragantina**. Tese de Doutorado. Rio Claro: UNESP, 2005.

GIDDENS, A. **O Mundo em descontrole**. O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GUIMARÃES, R. Modernidad, médio ambiente y ética: um nuevo paradigma de desarrollo. **Ambiente & Sociedade**, ano I, nº 2, 1º semestre de 1998.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: LP&A, 2000a.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In SILVA, T. T. da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000b, p. 103-133.

HOEFFEL, João Luiz de Moraes; FADINI, A.; SEIXAS, S. R. C. (Orgs.). **Sustentabilidade, qualidade de vida e identidade local olhares sobre as APA's Cantareira, SP e Fernão Dias, MG**. São Carlos: RiMa, 2010.

HOEFFEL, J. L. et al. Trajetórias do Jaguar - Unidades de Conservação, Percepção Ambiental e Turismo - Um Estudo na APA do Sistema Cantareira, São Paulo. **Ambiente & Sociedade** (Campinas), v. XI, p. 131-148, 2008.

HOEFFEL, J. L. et al. Trajetórias do Jaguar – a complexidade sócio-ambiental no Reservatório dos Rios Jaguar/Jacareí. **Proceedings International Congress on Environmental Planning and Management**. Brasília: Catholic University of Brasília, p. 1-16, 2005 (CD Rom).

HOEFFEL, J. L. et al. Concepções e percepções da natureza na Área de Proteção Ambiental do Sistema Cantareira. **Anais do IV Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação**. Curitiba: Fundação O Boticário, v.1, p.346-356, 2004.

HOEFFEL, J. L.; VIANA, R. M. Impactos de Barragens e transformações regionais: considerações sobre a implantação dos reservatórios do Sistema Cantareira na Região Bragantina. **Gestão e Desenvolvimento**, Bragança Paulista, v.1, n.1, 87-102, 1996.

LAGO, M. C. S. **Modos de vida e identidade**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1996.

LIMA, F. B. et. al. Caminhada Interpretativa na natureza como instrumento para educação ambiental. **Anais do II EPEA/UFSCar**, 27 a 30 de julho de 2003 – São Carlos, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MINAS GERAIS. **Decreto Estadual nº 38.925, de 17 de Julho de 1997.** Minas Gerais, Assembléia Legislativa, 1997.

OLIVEIRA, Renato. (Coord.) **Plano de Gestão da Área de Proteção Ambiental Fernão Dias.** Belo Horizonte: DER, 2007. 2v.

PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Bot. Bras.**, v.20(4), p.751-762, 2006.

REIS, M.S.; MARIOT, A.; DI STASI, L.C. Manejo de Populações Naturais de Plantas Mediciniais na Floresta Atlântica. In: DIEGUES, A. C. & VIANA, V. M. (orgs.). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos da Mata Atlântica.** São Paulo: NUPAUB/LASTROP, pp. 95-102, 2000.

REYES-GARCIA, V. The relevance of traditional knowledge systems for ethnopharmacological research: theoretical and methodological contributions. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, London, v. 6, n. 32, p. 1-12, 2010. Edição eletrônica. Disponível em: <<http://www.ethnobiomed.com/content/6/1/32>>. Acesso em 08 mar. 2010.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, A.C.C; GUEDES, M.L.S. Utilização de plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas – Bahia. **Rev. Bras. Pl. Med.** Botucatu, v.8, n.2, p.1-7, 2006.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **Lei Estadual nº 10.111**, de 4 de dezembro de 1998. São Paulo, Assembléia Legislativa, 1998.

SKAKOON, E. Nature and Human Identity. **Environmental Ethics.** Volume 30, number 1, SPRING, 2008.

WHATELY, M; CUNHA, P. **Cantareira 2006: Um olhar sobre o maior manancial de água da Região Metropolitana de São Paulo.** São Paulo: ISA, 2007.